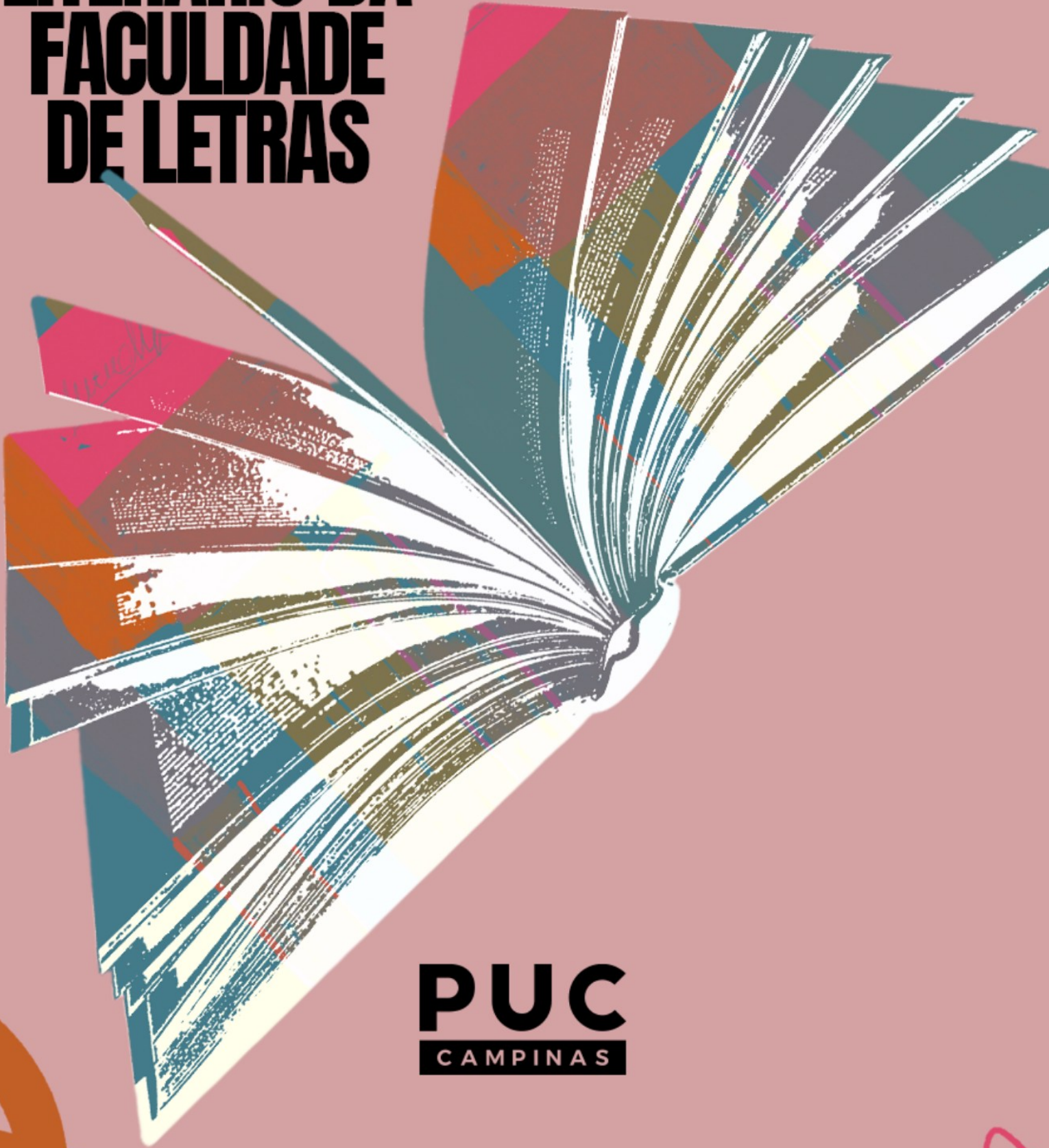


11º CONCURSO

LITERÁRIO DA FACULDADE DE LETRAS



PUC
CAMPINAS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
Escola de Linguagem e Comunicação
Faculdade de Letras

ANTOLOGIA DO 11.º CONCURSO LITERÁRIO DA FACULDADE DE LETRAS
DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
– Edição 2025 –

Comissão Organizadora

Bruno Henrique Soares
Carlos Eduardo Pizzolatto

Comissão Avaliadora

Ana Cláudia e Silva Fidelis
Cássia dos Santos
Christina de Toledo Zaccarelli
Cristina Betioli Ribeiro Marques
Eliane Fernandes Azzari
Gabriela Strafacci Orosco
João Paulo Hergesel
Renato Gonçalves Lopes

Decanato da Escola

Lindolfo Alexandre de Souza

Direção da Faculdade

Carlos Eduardo Pizzolatto

Secretaria da Faculdade

Bruno Henrique Soares

Revisão e Editoração

João Paulo Hergesel

Arte de Capa

Departamento de Comunicação

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

A634

Antologia do 11.º Concurso Literário da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas / Organização de Carlos Eduardo Pizzolatto. – Campinas/SP: Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-65-985398-5-6

1. Antologia literária - Contos, Crônicas e Poemas. 2. Literatura brasileira. I. Pizzolatto, Carlos Eduardo (Organizador). III. Título.

CDD 869.8

Índice para catálogo sistemático

I. Coletânea - Contos, Crônicas, Poesias : Literatura brasileira

Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516

Pq. Rural Fazenda Santa Cândida | Campinas – SP | CEP: 13087-571

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que a Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas apresenta a antologia do **11.º Concurso Literário**. Mais do que uma simples coletânea, o volume que o leitor tem em mãos é um vibrante testemunho da criatividade que permeia nossa comunidade acadêmica. Ao percorrermos os textos, vemos vozes de vários cursos de graduação, além de programas de Especialização, Mestrado e Doutorado, provando que **a expressão literária é uma ponte que conecta toda a comunidade universitária**. Nesta edição, os textos premiados, ainda que vindos de origens tão diversas, parecem conversar entre si.

O primeiro grande fio condutor é **o tempo como personagem**. Ele não é apenas um cenário, mas uma força ativa que confronta, destrói e define. O tempo surge como destino fatal em *Bomba-relógio* e como um passado ancestral que precisa ser revisto em *Operação Florença*. É a nostalgia que nos mede contra o que fomos, como na visita à pedreira em *Entre a sombra e o tempo*, e a memória afetiva de um brinquedo em *Entre trilhos de ferrolama e sonhos [...]*. Acima de tudo, o tempo é a marca da perda, sentida no silêncio de uma *A ausência em forma de janela e televisão* ou nos “cinco anos de silêncio” que assombram a narradora de *Through the Window*.

Outro tema que une as obras é **a vulnerabilidade da conexão**. Os textos exploram com coragem o que acontece quando nos abrimos ao outro — seja o risco, seja a cura, seja a dor. Vemos a potência da intimidade que acolhe e cura em *Aquarela em Refrão* e na jornada de recuperação de *This too shall pass*. Essa ternura é celebrada em poemas como *Como habitar outro corpo* e *She’s all soft*. Em contrapartida, os autores também exploram o perigo da conexão: a intensidade que afoga em *Pirata*, a vulnerabilidade pública do corpo em *Carne* e a intimidade volátil de *Zoocose*.

Finalmente, a antologia se debruça sobre **legado e identidade**, questionando quem somos em relação às nossas famílias e aos papéis que desempenhamos. Seja consertando o relógio do avô, confrontando a falência dos antepassados ou

simplesmente um pai se permitindo “ser criança de novo” em *Venâncio e a volta à infância*, os textos investigam o peso e a libertação de sermos quem somos.

Parabenizamos calorosamente todos os participantes e, em especial, os vencedores que compõem esta obra.

Convidamos você, leitor, a mergulhar nestas páginas e descobrir as múltiplas conexões que fazem desta antologia um reflexo tão rico do nosso tempo e da nossa humanidade.

Boa leitura!

Comissão Organizadora do 11.º Concurso Literário da PUC-Campinas

SUMÁRIO

CONTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

- 1º lugar** **Aquarela em Refrão**
Luke Hades Delfino Souza
Faculdade de Pedagogia
(p. 8)
- 2º lugar** **Bomba-relógio**
João Pedro Mascarenhas
Especialização em Escrita Criativa
(p. 11)
- 3º lugar** **Operação Florença**
Marcela Abreu de Souza
Especialização em Escrita Criativa
(p. 16)

CRÔNICAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

- 1º lugar** **A ausência em forma de janela e televisão**
Taís Siqueira Secco
Faculdade de Letras (Bacharelado)
(p. 20)
- 2º lugar** **Carne**
Juliana Almeida Calejon
Faculdade de Letras (Licenciatura)
(p. 22)
- 3º lugar** **Entre a sombra e o tempo**
João Pedro Mascarenhas
Especialização em Escrita Criativa
(p. 24)
- Menção
Honrosa** **Entre trilhos de ferrolama e sonhos... Pai, faltam quantas estações?**
Wilton Araujo de Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado)
(p. 26)

POEMAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

- 1º lugar** **Zoocose**
Gabriel Gonçalves de Carvalho Leal
Faculdade de Relações Internacionais
(p. 28)
- 2º lugar** **Venâncio e a volta à infância**
Abner Roberto
Faculdade de Letras (Licenciatura)
(p. 29)
- 3º lugar** **Como habitar outro corpo**
Beatriz Fernandes Pinheiro do Amaral
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Doutorado)
(p. 31)
- Menção
Honrosa** **Pirata**
Arthur Barrionuevo Jodas Badaró
Faculdade de Engenharia Biomédica
(p. 33)

CONTO EM LÍNGUA INGLESA

- 1º lugar** **This too shall pass**
Julia Bottino Queiroz de Freitas
Faculdade de Psicologia
(p. 35)
- 2º lugar** **Acknowledgements**
Clara Egydio Previdi de Barros
Faculdade de Direito
(p. 38)
- 3º lugar** **Through the Window**
Arthur Cruz Wallau
Faculdade de Engenharia Química
(p. 40)

POEMAS EM LÍNGUA INGLESA

- 1º lugar** **Hotline for prima donna**
Gabriel Gonçalves de Carvalho Leal
Faculdade de Relações Internacionais
(p. 43)
- 2º lugar** **She's all soft**
Maria Luiza Pinheiro Morette
Faculdade de Letras (Bacharelado)
(p. 45)
- 3º lugar** **Paradise Found**
Débora Silvestre Aguiar
Faculdade de Engenharia Mecânica
(p. 48)
- Menção
Honrosa** **Dear ghosts around me**
Elis Carrara Sampaio
Faculdade de Letras (Bacharelado)
(p. 51)

Aquarela em Refrão

Luke Hades Delfino Souza

Faculdade de Pedagogia

Entrou, encharcado, cabelo preso e o caderno de desenho molhado nas mãos.

— Você endoidou? — disse Oliver, levantando-se e largando o violão. — Saiu com essa chuva toda?

— A vista da enseada tava linda — Malik sorriu, trêmulo. — Precisei tentar capturar. Mas... meu caderno... — Levantou as folhas manchadas — virou aquarela.

Oliver pegou com cuidado, folheando as páginas como se fossem preciosas.

— Ainda consigo ver... olha! Esse não é o retrato que você fez de mim? — Malik confirmou, com olhos fixos em Oliver.

— Lembro desse dia. Você tava tocando Liniker.

— E você olhava como se o mundo tivesse parado.

— E tinha mesmo — disse quase em um sussurro.

O silêncio que veio depois foi cheio de significados. A chuva continuava caindo pesada lá fora, enquanto algumas goteiras faziam músicas pela sala. Então Oliver passou os dedos de leve pelos locs molhados de Malik.

— Vem cá, deixa eu te secar um pouco. — Ele puxou uma toalha pendurada em um cavalete e começou a secar os cabelos com um gesto suave. Malik fechou os olhos segurando um suspiro.

— Você já pensou em escrever música com alguém? — Malik perguntou, cada vez mais próximo.

— Já. Mas nunca tive coragem. Até agora. — Eles se olhavam como se compartilhassem todos os segredos do mundo.

— Você tem coragem, Oli.

Oliver desviou o olhar.

— Mais cedo... — ele hesitou, os dedos parando no comprimento dos cabelos.
— a moça da cozinha me chamou de “mocinha” de novo.

O silêncio pesou por um instante. Ele apertou os lábios, desviando o olhar.

— Eu pensei em corrigir, mas... às vezes parece inútil. Cansa ter que me explicar o tempo todo, como se minha existência fosse um erro.

Malik se aproximou, firme.

— Não é inútil. Mas eu entendo o cansaço. — Ele tocou de leve a mão de Oliver.

— E quando faltar força, eu seguro junto contigo.

A chuva parecia ter dado trégua, como um apelo para que o mar o confortasse.

— Venha comigo — disse Malik estendendo a mão.

A trilha até a praia dos alunos era curta, mas sagrada. Entre as pedras marcadas por grafites desbotados de ex-alunos, eles se sentaram, o vento ainda carregando o cheiro de chuva misturado ao sal.

Oliver dedilhava o violão devagar, como se buscasse traduzir o movimento das ondas em notas. Malik o observava em silêncio, cada acorde se tornando uma confissão não dita.

— Acho que sei como termina — Malik murmurou, os olhos fixos nele.

Oliver ergueu o olhar, curioso, como se esperasse uma resposta em forma de música.

— Me mostra.

E Malik mostrou. Primeiro, aproximando-se devagar, como quem teme quebrar a magia. Depois, com um beijo calmo, salgado, cheio de coisas que não precisavam ser ditas. Um beijo com gosto de mar e promessa de refrão, como se a canção que começavam juntos nunca tivesse fim.

Quando o beijo terminou, Oliver permaneceu com os olhos semicerrados, como se quisesse prolongar o instante. Malik acariciou de leve a curva de seu rosto, e Oliver sorriu, quase tímido, mas cheio de confiança.

— Você é minha melhor melodia — Oliver sussurrou.

Malik deixou escapar um riso suave, encostando a testa na dele. Ficaram assim, respirando juntos, sem pressa, como se o tempo tivesse parado só para eles.

O mar continuava sua canção infinita, mas ali, naquela praia escondida, parecia existir um só refrão: o deles.

Bomba-relógio

João Pedro Mascarenhas

Especialização em Escrita Criativa

Estava andando havia pelo menos trinta minutos no Centro em busca de uma relojoaria para consertar o relógio de pulso do meu pai. Consertar o Citizen Urban herdado do meu avô seria o presente de aniversário perfeito para ele, segundo minha mãe. Mas, eu já estava pensando em desistir da missão quando, ao subir a Barreto Leme, avistei um estabelecimento antigo, de vitrine mais limpa que meus óculos, repleto de relógios e peças.

Na entrada, uma tradicional faixa me chamou atenção com dizeres em vermelho: temos peças originais importadas. Adentrando a loja, notei que a iluminação estava defasada, as paredes abarrotadas de todo tipo de relógio, típico de lugar antigo.

Na seção de importados, vi o modelo idêntico ao Citizen do meu pai. Esbocei um sorriso e fui para o fundo do estabelecimento, onde o espaço se estreitava em um corredorzinho à direita que, por sua vez, se abria para uma saleta minúscula, onde um senhorzinho trabalhava apoiado num balcão antigo.

— Boa tarde — cumprimentei. — Precisava de ajuda com um relógio.

— Boa tarde. — Ele ergueu o olhar com os óculos equilibrados na ponte do nariz. — Claro, estou aqui para isso — Ele deu uma risadinha de lado enquanto estendia a mão. — Sou o Alfredo, pode me chamar de Fred.

Apertei a mão e tirei o relógio do meu pai da mochila, com pressa.

— Caralho — disse o velho, me surpreendendo pela boca suja. — Esse aí eu só vi duas vezes, uma delas foi quando um cara veio penhorar o dele em troca de um favor, e a outra quando fui pro Japão, uns cinquenta anos atrás.

— É, então... Foi lá que meus avós compraram. Eu queria consertar os gomos da pulseira. O penhorado é aquele que está na vitrine?

— É, sim. Ele nunca mais veio buscar — disse Fred, analisando o modelo do meu pai. — Vai ver deu de cara com a morte na volta para casa.

Arregalei os olhos com a fala do relojoeiro.

— Fica com essa cara não, filho. E pensar que o homem achou que ia recuperar o Citizen de volta... Acabou que a sorte foi minha, né?

— Como assim? — questionei enquanto ele analisava o relógio.

— Campinas não é a mesma. — O velho deu uma risada, balançando a cabeça.
— Aqui na minha relojoaria, muito tempo atrás, quando ela ainda era do meu pai, a gente ganhou de uma velha senhora o relógio do destino, esse aqui que fica atrás de mim. Muito se falou sobre isso...

Ele apontou para um relógio de madeira maciça na parede de fundo da loja. Era um relógio marrom, antigo, daqueles que tiquetaqueava alto.

— O senhor tá falando sério, seu Alfredo? — Ergui uma sobrancelha.

— Opa, meu jovem! — respondeu o velho. — A mulher era louca, desvairada... Sei que ela entrou aqui numa tarde chuvosa, toda descabelada, dizendo que a estavam perseguindo por causa do relógio e que ele tinha sido enfeitiçado pelo Satã. Ela largou o bichão no balcão e disse pro meu pai nunca encostar nele, porque ele revelava a hora da morte de quem o tocasse.

— E vocês acreditaram? Nunca encostaram? — questionei meio descrente da historinha para boi dormir.

— Só com luvas. Melhor prevenir que remediar, meu amigo — ele respondeu.
— Viu, eu consigo consertar seu relógio, mas como a pulseira é importada, vai sair uns setecentos paus.

Digitei uma mensagem rápida para minha mãe sobre o valor.

— Viu, e o que acontece depois que se encosta nesse relógio aí? — perguntei enquanto aguardava a resposta da mensagem.

— Como te falei, algumas pessoas vieram aqui para encostar nele...

— E aí?

— Olha, não sei. Sei que o relógio, que bate assim alto, parava de bater por um minuto inteiro quando tocavam nele. Daí quem encostava ficava congelado, olhando para o ponteiro. Depois de um minuto, voltava tudo ao normal, o relógio batia de novo e a pessoa ia embora. Todo mundo que saiu daqui depois de encostar nele, nunca mais voltou...

Meu celular apitou com a resposta da mensagem de minha mãe. Um emoji de joinha.

— Viu, pode colocar o relógio no conserto. Quando posso pegar?

O velho puxou uma gaveta e tirou um bloquinho de papel pardo. Escreveu garranchosamente um número de telefone e uma data, dali a quinze dias.

— O pagamento de metade do valor, você tem que fazer antecipado. Nesse dia aí, tenta vir no finalzinho da tarde, que eu deixo para entregar os consertos no fim do dia.

— O senhor aceita pix? — perguntei, colocando o papel no bolso.

— Ah, não, essas tecnologias não são para mim. Mas passo cartão.

Passei a metade do valor no débito, peguei o recibo e saí da saleta. Quando cheguei ao final do corredor que dava para o salão principal da loja, ouvi o velho rir baixinho. Devia estar achando graça de ter enganado mais um trouxa com a história do relógio mágico.

Dei meia-volta, pisando fundo até o balcão. O relojoeiro me olhava mais sério, como se nem tivesse rido segundos atrás.

— Quero encostar no relógio.

— Que relógio? — ele perguntou, estava se fazendo de desentendido.

Apontei para o objeto na parede.

— Ah, não, filho. Não quer, não — ele disse acariciando o bigode grisalho.

— Tô falando sério — insisti. — Quero ver se é verdade esse negócio.

— É verdade, sim. Não precisa encostar para saber.

Ele estava polindo um outro relógio de mesa vermelho brilhante.

— Te dou cem pau para encostar nele — ofereci irracionalmente, sacando uma nota da carteira. A única nota em dinheiro vivo que eu tinha, por sinal.

O velho não respondeu. Depois de alguns segundos, pegou a nota e puxou a portinhola do balcão, indicando que eu passasse.

— Sua conta e risco — ele alertou quando ultrapassei o limiar.

O objeto na parede parecia me chamar. Sem hesitar, encostei na lateral dele, sentindo a madeira maciça correr sob os dedos.

Ele parou de bater. Senti uma onda de vertigem e a luz amarela invadiu meu olhar, mas não vieram da loja e, sim, da minha própria mente. Pareceu durar uma eternidade, então o relógio voltou ao tique-taque tradicional.

Pisquei para recuperar a consciência, soltando o relógio. Observei a hora marcada nos ponteiros: seis e vinte e um.

— Ele não fala a data? — sussurrei.

— Fala. Tá ali no campo de dia, mês e ano.

Observei com mais cuidado e vi um quadradinho minúsculo.

— Ué, mas tá aparecendo o dia de hoje — reclamei com o velho.

Ele deu de ombros, fazendo pouco caso. Revirei os olhos e saí da loja pisando fundo, sem falar mais uma palavra. Que ódio, cem conto perdido!

Fiquei tão puto que não via nada na minha frente. Quando percebi já estava no meio da rua, um ônibus da linha 249 passando depressa, buzinando incansavelmente. Senti um calafrio me fazendo estremecer pela adrenalina do susto. Corri e desviei para a calçada seguinte. Uns dois rapazes berraram, uma mulher também parou para ver.

Fui correndo para o ponto para esperar o próximo ônibus. Dei sinal para uns três, que estavam meio lotados e não pararam. Quando o quarto ônibus passou reto, desisti e resolvi chamar um táxi na praça, mas notei que havia esquecido meu cartão na loja do velho. Lá ia eu de novo!

Quando fiz todo o caminho inverso e finalmente alcancei a loja, ele estava polindo os vidros da vitrine.

— Preciso falar contigo... Quero aqueles cem conto de volta.

Parecia que ele estava tão atarefado que deu só uma balançada de cabeça, e eu entendi que era para entrar na loja.

Fiquei esperando lá dentro o que pareceu uma eternidade. Estava quase saindo pra buscar o velho que ainda limpava a vitrine, quando ele entrou.

— Viu, esqueci meu cartão aqui, e preciso daquela grana de volta...

Fred foi direto para o fundo da loja. Pensei por um momento se ele ia pegar a nota no caixa e trazer junto do meu cartão, ou se estava só me ignorando pra ver se eu ia embora...

Quando eu finalmente decidi segui-lo, o barulho alto do pequeno televisor de tubo do salão capturou minha atenção. A repórter do jornal da EPTV estava ao vivo num atropelamento ocorrido na Rua Benjamin Constant. Meu olhar gelou.

A jornalista ruiva elegante, de batom vermelho, anunciava com um olhar compenetrado ao microfone a hora exata em que ocorrera a fatalidade: seis e vinte e um.

Operação Florença

Marcela Abreu de Souza

Especialização em Escrita Criativa

— Vamos, temos que ser rápidos — Thomas me chama e apresso meu passo, tentando ignorar o desconforto que as roupas do século XIX me causam.

Um dos poucos sacrifícios a se pagar pelo tanto que iremos receber, penso comigo mesma. Afinal, não é todo dia que se faz uma viagem para uma fazenda histórica no Brasil Império. Longe de ser uma simples visitação, porém, hoje nós vamos fazer um assalto. Quero dizer, *mais um* assalto. Nossos saques progrediram muito depois que furtamos a primeira máquina do tempo já inventada, e é importante que passemos despercebidos.

E, aos que ainda insistem em questionar o que mais poderíamos querer se nós tínhamos um dispositivo que efetivamente viaja pelo tempo, a resposta sempre será: queremos *mais*. Uma máquina do tempo não é o suficiente e nunca será. Por isso, Thomas teve a brilhante ideia de realizarmos assaltos em diferentes períodos. Nada muito grande para não chamarmos atenção indesejada ou acidentalmente alterarmos o rumo da história. Percebo que estou imersa em pensamentos quando Thomas começa a recitar o seu lema de sempre:

— E não se esqueça dos três N: não fale com ninguém, não deixe que te vejam e...

— Eu *nunca* estive aqui, tá, já entendi. Podemos ir agora? — eu o interrompo com um revirar de olhos e logo o ultrapasso, seguindo em direção ao casarão.

Recentemente descobrimos que cientistas e oficiais do nosso tempo estão trabalhando em uma nova máquina do tempo, nos mesmos moldes da que temos, para tentar nos prender. Embora o esforço seja apreciado, será impossível nos alcançar. Se eles chegarem em 1920, já estaremos em 1987 roubando dinheiro do Depósito Knightsbridge em Londres, enquanto o letreiro marca “fechado”. Se eles estiverem nos procurando em 1987, já estaremos em 2013 roubando um carregamento de diamantes

do aeroporto de Bruxelas, disfarçados de policiais armados. E, quando sentirem a nossa falta em 2013, já estaremos em 2375 na Suíça roubando aparelhos tecnológicos e futuristas demais para a mente deles sequer conseguir imaginar.

Mas hoje estamos em 1861, mais especificamente na Fazenda Florença, localizada em território brasileiro ou como eu particularmente preferiria esquecer: o país onde nasci. Costumo sempre deixar os pormenores das operações com Thomas — prefiro focar na execução do plano —, especialmente em dias como hoje, quando as memórias da minha terra natal me assombram e não me deixam esquecer por que eu parti.

— Rafaela? — Thomas me chama e, simples assim, eu me perco de novo — É aqui que a gente se separa.

Aceno com a cabeça para que ele não note como estou dispersa e sigo pelo caminho de pedras, enquanto ele parte para direção contrária. *Se controle.* As colunas de madeira trabalhada se avolumam conforme me aproximo sorrateiramente da residência. Tomo cuidado para minhas vestes não se prenderem no canteiro de flores brancas ao redor da porta dos fundos. As luzes estão apagadas, mas o nascer do sol deverá ser o suficiente para nos auxiliar nesta empreitada. Verifico se estou sozinha e, com um clique, estou dentro. *Grampos de cabelo nunca vão sair de moda.*

A escolha da região histórica do Vale do Paraíba não poderia ser mais óbvia. Produzir essa quantidade exorbitante de café nesse século só poderia significar uma coisa: dinheiro. E se relógios, joias e até artefatos de porcelana já eram uma fortuna para uma família de latifundiários em 1861, imagine o quanto valeria “encontrar” essas relíquias no século XXI em diante? Por isso, saco minha mochila e a abasteço com tudo o que encontro pela frente: espelhos, decorações de mesa, copos, talheres, porcelanas e tudo o que ela conseguir suportar. Ardilosa como um gato, mas invisível como um rato.

O sol lentamente começa a despontar sobre o casarão, enquanto um silêncio adormecido paira no ar, o que só poderia significar uma coisa: a partir de agora qualquer barulho poderia ser letal. Um feixe de luz incide contra o meu olho esquerdo

e percebo que algum objeto na sala reluz a luminosidade que perpassa pela janela. Me aproximo silenciosamente do foco e vislumbro o porta-joias aberto em cima de uma mesa. *Bingo!*

O ranger de passos no andar de cima é o alerta inconfundível de que está na hora de partir. Minha felicidade se esvai, abrindo espaço para a dúvida. *Como podem ter acordado se não fizemos nenhum barulho? Merda.* Instintivamente, fecho o porta-joias e o enfio na mochila. A adrenalina se espalha pelo meu corpo e, de repente, consigo sentir o sangue pulsar por cada parte, da cabeça até a ponta dos dedos do pé.

Em um movimento rápido, dou meia volta em direção à saída e travo quando me deparo com um vulto na ponta da escada. O sangue palpita nos meus ouvidos e por um segundo desejo não olhar, ouvir ou sentir nada. Faço o possível para ignorar a presença de mais uma pessoa no ambiente, fingir que o assalto foi bem-sucedido ou até que estou em um tempo e lugar extremamente distantes daqui. *Poderia ser Thomas,* minto para mim mesma. É impossível ignorar a realidade que se molda diante de mim, tão concreta que eu poderia tocá-la. A luz da vela em suas mãos ilumina vagorosamente a mulher de pijama e, contra todos os meus instintos, me forço a observá-la com atenção.

Posso não ter tido acesso a boa parte da herança da minha família, mas eu nunca esqueceria da imagem da mulher estampada em cada retrato e em cada álbum de fotos mesmo se eu quisesse. O maior orgulho dos Teixeira Leite, mesmo tantas décadas após o seu falecimento. A mulher que trouxe honra, prosperidade e riquezas insondáveis durante gerações, mas teve o seu fim decretado na minha. Tento fugir da culpa pelo que fiz todos os dias, mas a minha ganância parece me assombrar até mesmo em outro século.

— Bisa? — Questiono e a perplexidade no olhar dela é o suficiente para eu compreender o que está acontecendo: estou assaltando a casa dos meus antepassados. Os mesmos familiares que consegui levar à falência por meu descuido e cobiça.

Antes que eu consiga elaborar um plano de fuga, sinto o golpe ser desferido contra a minha cabeça ao passo que a mulher abafa com a mão um grito assustado. Quando meu corpo atinge o chão, Thomas é a última pessoa que eu vejo.

A ausência em forma de janela e televisão

Taís Siqueira Secco

Faculdade de Letras (Bacharelado)

Janela da sala aberta. Televisão ligada no canal de esportes. Detalhes pequenos, quase banais, mas que, ali, falavam de saúde, de rotina, de vida. Para muitos, não significam nada. Mas só quem já presenciou a janela sempre fechada e a televisão desligada entende o peso dessas ausências.

A janela mostrava ao mundo que ela tinha forças para levantar da cama e se mover pela casa. A televisão ligada era um claro sinal de que ele havia cumprido suas tarefas do dia e podia se entreter com seus esportes favoritos.

Ela, 44 anos. Ele, 90. Mãe e avô. Ela não completou 45. Ele, sim, mas não viveu até os 91. Duas histórias diferentes, que deixaram marcas profundas em quem as viveu de perto.

Nunca valorizei uma janela aberta, muito menos ansiava por essa visão diária. Mas, com o tempo, ela passou a representar duas coisas: o bem-estar ou a degradação da doença. A janela aberta significava que ela ainda tinha forças. A fechada... prefiro nem lembrar da fechada.

Era uma janela grande, com moldura de madeira e painéis de vidro. Duas, na verdade, lado a lado. Se eu subisse nelas, você veria que eram mais altas do que eu. Mas eu não esperava que as duas se abrissem, uma só já era suficiente para ditar o humor do restante do dia. Fazia três anos desde a aparição da doença, mas foi no último ano que a janela se tornou a parte central da minha rotina.

Me arrependo de ter me afastado no fim. Eu não sabia lidar. Até hoje não sei. Muitas vezes, eu só ia ao quarto dela para dizer “bom dia” e “boa noite”.

Um dia, a família inteira se reuniu na casa da minha avó. Achavam que ela não aguentaria mais. No dia seguinte, um domingo, fui acordada pelo meu pai e minha tia. Só lembro de perguntar:

— Ela morreu, né?

O “sim” do meu pai foi tudo o que eu precisava e tudo o que eu menos queria ouvir.

Faz sete anos que ela não abre mais a janela. Essa função passou a ser minha. E, depois que me mudei, foi meu pai quem assumiu. Ele não sabe da importância dela, então a mantém quase sempre fechada, porque esquece de fechá-la ao anoitecer.

A televisão estava ligada na última vez em que fui à sala, mas não foi ele quem a ligou, foi a vovó, vendo sua novela. Sempre odiei que aquela TV gigante só servisse para passar futebol ou qualquer outro jogo. Agora, anseio por vê-la no canal ESPN. Qualquer refeição, trabalho ou visita de família acontecia com a televisão ao fundo. Muitas vezes sem som, porque vovó achava falta de educação almoçar assistindo jogo. Mas, se ele estava na poltrona, era ele quem mandava no controle.

Faz menos de três meses que a televisão só sintoniza no canal de esportes quando meu pai ou meu tio decidem colocar. Não sei o que eles sentem. Talvez silêncio, talvez saudade. Eu, sinceramente, só sinto vontade de chorar.

Carne

Juliana Almeida Calejon

Faculdade de Letras (Licenciatura)

A cidade industrial ganha odores de podridão específicos para o seu ambiente. Cheiros sinistros de metal, hormônios e sudorese de mal-estar me aturdem pela passagem dos prédios. O labirinto de concreto aberto ao céu sempre me pareceu próprio de um mundo em decadência, servindo mais como escudos que sepultam o sol de todos os animais humanos e não humanos.

Caminhei pelas pedras irregulares da calçada com uma pressa inconformada e disforme. As pernas iam se entrecruzando sozinhas — estava entorpecida pelo ritmo intenso dos ruídos. Tudo o que se movia no ritmo intenso do tráfego era também hostilidade absorvida pelo meu corpo.

É de repente que o abismo nasce do piso asfaltado da cidade. Em todas as cidades e em todos os asfaltos, de vez em quando, a rachadura do chão se abre. Os pés vacilam na solidez aparente de um dia comum, de uma manhã de rotina. Parada no semáforo, ouvi um grito.

Com o fundo oco da garganta, alguém vociferou o som carnívoro estridente para fora da janela, projetando o corpo. O covarde anuncia em berro e em intenção: tem a vontade e o poder de usurpar todos os direitos do corpo que deseja. Ela, desorientada pelo excesso de adrenalina, abandonou a consciência de si. Viu-se de longe, como se em terceira pessoa. Ela olhava o homem surpreendida. O rosto dele era faminto e avermelhado, a boca esboçava um sorriso amarelo de intento e domínio.

Todos viram, mas foi um instante. Fez alarde e depois atravessou intacto. Dentre tantos, foi mais um anônimo com armadura de metal e vidros escuros.

Ela permanecia no mesmo holofote de observação pública, paralisada durante alguns infinitos. As sondas intrapsíquicas dos olhares a aturdiavam, analisando-a conforme passavam. Urubus manifestavam-se como sinalizadores de maus presságios.

Qual é o cheiro desse corpo consumível, afinal? — A carne está prestes a ser assada pelos olhares curiosos. Ela hesita em existir naquele instante. Como se fosse possível ter refúgio, tateou com os olhos o céu: encontrou só a brasa crua da matéria. Mais ao chão, encontrou só cuspe.

É como se o mundo dissesse: desencarna para não ser caçada.

Entre a sombra e o tempo

João Pedro Mascarenhas

Especialização em Escrita Criativa

De uns tempos pra cá, criei o costume de visitar locais da minha infância. Alguns amigos acham que é pela sensação de nostalgia, meus irmãos dizem que é pelo conforto de estar num lugar conhecido, mas eu sei que, na verdade, é só uma tentativa de descobrir se o tempo passa mais depressa pra mim ou para aqueles lugares.

Hoje, decido visitar a Pedreira onde meu pai me levava pra brincar aos fins de semana, junto com meus irmãos.

Chego lá pelas quatro e pouco da tarde, aquele horário em que o sol não sabe se já vai embora ou se fica mais um pouco. O cheiro de caldo de cana e pastel frito na hora da banquinha do Seu Domingos está no ar — idêntico à minha lembrança de moleque. Peço uma garapa com menta e levo pra minha caminhada.

Pelo caminho de areia e terra batida, desvio de algumas mães correndo atrás de seus filhos, casais correndo com tênis combinando e cachorros rolando pela grama dos canteiros. Tudo continua mais ou menos igual, embora o lugar pareça menor do que eu me lembrava. Acho que, quando a gente é criança, tudo parece muito maior do que realmente é.

Quando passo pelas mesinhas de concreto, me convido a sentar. Estão meio tortas, meio gastas, mas seguem firmes — é um pouco do que a vida e o tempo exigem da gente também, né?

Respiro fundo, ouço um grupo de ciclistas açoitar o cascalho com os pneus, e escuto um sino de igreja que já ouvia desde criança, mas que nunca descobri exatamente de onde vem.

Por um instante, quase me arrependo de não ter trazido um livro pra ler, tão pacífico que está o clima. Mas logo lembro da paz que existe na calma da cabeça vazia. Faz tempo que eu não existo sem compromisso, que eu não me permito não ter respostas.

Acima da minha cabeça, noto a sombra crescente da árvore que meu pai apontava pra gente, dizendo que era uma árvore mística, que guardava lembranças e onde uma bruxa morava. É gigantesca, com galhos e ramificações que se entrelaçam com as raízes, se perdendo num emaranhado infinito de madeira. Seu farfalhar é meio assombrado, mas sua sombra sempre teve mais de aconchego do que de ameaça.

Embora a árvore pareça mais desgastada, fico agradecido por constatar que sua sombra se recusa a mudar. É bom saber também que, se um dia a cidade me esquecer, ou se o tempo passar rápido demais e me levar junto, pelo menos aquela árvore, naquela Pedreira, ainda vai se lembrar de mim.

Entre trilhos de ferrorama e sonhos... Pai, faltam quantas estações?

Wilton Araujo de Oliveira

Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado)

No final dos anos 80, o Brasil passava por uma crise, e eu, sendo filho mais novo de uma família de quatro irmãos, não tive muito acesso a brinquedos. Certa vez um amigo da minha irmã mais velha chegou em casa com uma caixa de presente: era um ferrorama da marca Estrela modelo XP 300.

O trem estava um pouco deteriorado, mas estava inteiro, com os seus trilhos, o vagão de combustível amarelo com uma escada preta, o vagão de carga de madeira com duas portas de correr e a locomotiva que ao colocar as pilhas e acionar o botão seguia em disparada levando os demais vagões. Havia ainda uma passagem em nível e um retorno que, ao ser acionado, fazia a locomotiva voltar de ré.

Com esse ferrorama e as fitas k7 dos meus irmãos, criei os mais diversos trajetos, pontes, viadutos, casas, prédios, montanhas, tudo em cima de um tapete da sala de estar e muita imaginação. Na mesma época, morávamos de aluguel em um sobrado antigo na região industrial do bairro da Mooca. Era o final dos anos 80, e, em vários domingos, saíamos a pé de casa e seguíamos pela Avenida Presidente Wilson até a estação de trem. De lá, seguíamos rumo ao município de Francisco Morato, onde meu pai comprara um terreno na esperança de construir a casa própria.

A viagem começava entre prédios, carros e viadutos da metrópole. Aos poucos, a paisagem mudava: os muros davam lugar a barracos improvisados, casas sem acabamento, carroças, cavalos, vacas, cachorros soltos nas ruas de terra. Eu observava tudo pela janela com olhos curiosos, anotando mentalmente cada detalhe como se fosse um desenho. A composição prateada da Companhia Brasileira de Transportes Urbanos (CBTU) balançava, barulhenta, repleta de vendedores ambulantes e pedintes. Às vezes, alguém arriscava viajar pendurado para fora, e a notícia de que “um surfista de trem caiu” corria como um susto coletivo. Para mim, criança, tudo aquilo era novidade.

Mas o que mais me marcou foram as perguntas que repetia, insistentemente, ao meu pai:

— Pai, faltam quantas estações?

Ele, paciente, ia enumerando: “Vila Clarice, depois Perus, Caieiras, Franco da Rocha... e então Francisco Morato”. Eu me encantava com os nomes. “Perus? Será que tem peru lá?” — e ríamos no meio do vagão lotado.

Ao chegar, descíamos direto numa feira livre. O cheiro de pastel, as cores das barracas, homens em pernas de pau distribuindo panfletos de vendas de lotes em meio àquela periferia... Era como se o cansaço da viagem desaparecesse. Ainda havia a caminhada até o terreno, uma ladeira de terra batida, onde os vizinhos improvisavam túneis e brincavam com pernas de pau. Ali, entre marmitas trazidas pela minha mãe e a sombra de uma árvore, nascia o sonho da casa própria.

Hoje, quando lembro dessas viagens, percebo que a pergunta infantil — “faltam quantas estações?” — carregava muito mais do que curiosidade. Era também uma forma de medir a distância entre o que éramos e o que ainda buscávamos ser. Meu pai já sabia o caminho de cor; eu apenas aprendia que a vida é feita de estações, algumas longas e cansativas, mas todas necessárias para chegarmos ao destino.

Zoocose

Gabriel Gonçalves de Carvalho Leal

Faculdade de Relações Internacionais

metade explosivo no banco de trás
pré-adolescente quando você toca minhas costelas
é virgem, empoeirado e tem o gosto da sua respiração
divino, sua política é sexo e você culpa seu pai
um pouco mais de amor, você pensa,
e eu não ansiaria pela morte de tanta gente
você já gostou, lembra às vezes,
mas antes de ser domesticado
e aprenderia a ser qualquer besta
antes de se contentar em ser animal

se esconde atrás de óculos escuros e
pactos de sangue no fundo de seu banheiro
contemplando todos os espíritos que vivem
do outro lado da linha telefônica
se eu soubesse que sua vida vale uma foto
te dava um murro antes de um orgasmo
o mundo é um punhal e você o segura pela lâmina
pela base ou pela cabeça,
o que quer que faça sua mão doer melhor
diz que ama, que sente muito e que sente também
com aliança ou com coleira, será do seu jeito
e que belo jeito será

Venâncio e a volta à infância

Abner Roberto

Faculdade de Letras (Licenciatura)

Numa noite qualquer,
o brilho nos olhos estava de volta.
Sem cão ou mulher,
entrou sem bater na porta.
Difícil era o período,
não carregava tudo consigo.
Reviveu como recém-nascido,
sorriu para o amigo,
era espírito vivo,
criança de novo,
apesar de nunca ter sido.

Brincava de faz de conto,
fazia um conto que era simples demais.
Fingia que era um jacaré,
andando pelas patas de trás.
Brincava de faz de conta,
fazia uma conta e rasgava o papel.
Queria desenhar um monte de mato,
mas ali não havia pincel.
Atacava a geladeira,
a vaca leiteira,
e adoçava com mel.
Pulava em cima da cama,
vestia o pijama,
e olhava para o céu.

Despertou do encanto,
quando um brando,
raio de sol o atingiu.
Largou a brincadeira,
o filho na cama,
que logo dormiu.
O pássaro no relógio batia,
já era hora,
estava de dia.
Foi trabalhar descansado,
enquanto as crianças brincavam,
o adulto dormia.

Como habitar outro corpo

Beatriz Fernandes Pinheiro do Amaral

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Doutorado)

Tão leve o gosto
de passear fora
do meu próprio corpo,
que vou sem demora
Minha mão viajante
Tua pele, caminho
Tua voz é o Norte
Procuro adiante
Onde assentar ninho
Ninar a minha sorte
Quero descobrir sem pressa
O que há de mais fecundo
O que há de mais árido
Respeitar tuas paisagens
Tudo que te atravessa
Também abrir o meu mundo
Que é metade sólido
Mas é cheio de miragens
A mim mesma vou retornando,
Depois de intensa viagem
Como é bom estar em casa,
Trago joias, flores e frutos
Celebro plantio e colheita,
Tempo que escapa voando
Invento mapas de passagem

Por vias que o sol abrasa
Tua vez de criar redutos
Na minha terra estrangeira

Pirata

Arthur Barrionuevo Jodas Badaró

Faculdade de Engenharia Biomédica

Desculpa andar tanto assim com você pelo sol.

É que você queria sombra,

e eu queria chegar no mar.

É que eu não sei só olhar o mar sem desejar me molhar.

Mas, sem perceber, fui tão fundo que me afoguei.

Eu achava que sabia nadar.

Desculpa se eu fui fundo demais

e levei junto um pedaço seu.

É que, às vezes, pra amar,

eu uso as mãos como âncoras

e esqueço que o outro também precisa respirar.

Você só queria caminhar pela beira,

sentir a espuma, rir do sal.

Mas eu fui mar inteiro.

Tempestade sem aviso.

Correnteza no olhar.

Eu juro que tentei boiar,

mas fui feito pra mergulhar,

mesmo quando não tem ninguém esperando lá embaixo.

Agora, a água baixou.
E tudo que sobra é essa areia colada na pele,
o gosto salgado na boca
e a certeza amarga:
ninguém volta ileso da ressaca.

This too shall pass

Julia Bottino Queiroz de Freitas

Faculdade de Psicologia

Here I am, in a small room with only a bed, a tiny and barred window and a white closet. Hoping my will to live would suddenly come from heaven to inhabit my soul. As I feel my only and last particle of self love slipping through my fingers, leaving my bones and aching chest empty, I remember what hope feels like. Hope can be a feeling, but is also a mindset, it's when you wake up with your feet on the cold floor from the morning fog, on a rainy and cloudy day, and sit on a comfortable couch, make tea and just feel your pain, not accepting it, but taking a time to feel it, to connect with it. You just keep staring into nothingness, talking with yourself, but not fighting with your feelings, just feeling them like all human beings do. And imagining that tomorrow will be better.

I'm craving attention. I'm begging for love. I'm asking for mercy. I've carried this silent torture for years and now it's too heavy to bear alone. I lost everything, I stopped doing things that I love.

I was ignored so many times when I tried to speak out. People silenced me, I had no air, my mind was filled with water, I was probably drowning. But still, when I found enough strength to give my only and louder cry out I was immediately shut down.

I'm reckless. I search for air, but all I get is rage and guilt. I feel my body rotting from inside out. I mean, when you're not recovering you're dying. So I died yesterday, I'm dying today and I'll die tomorrow.

A death that no one will grieve, because breathing looks a lot like living if nobody is paying close attention.

It's February 2024 and I've come a long journey in pure agony, no wonder I'm currently in a psych ward, waiting for the doctors and therapists to fix the broken parts of me. I write, I stare at the cold and empty hallways and doors, I gaze at the beautiful

trees through a crack in my window, I think about my irrelevance and insignificance to the universe, I cry, I shatter (a thousand times), I take my meds, I talk to docs, and therapists, and nutritionists, and nurses, I try to socialize with other patients, I hear theirs stories, I try giving advice, but we're all in the same boat, right?

It's been a month since I'm here. I'm staring at my food and sticking my spoon into cold and mushy broccoli floret.

"Hannah, just eat it!", the nurse shouted.

I've lost 26 pounds in the last month, the food gets down my throat, and I feel nauseous, I feel anxious and remember how much hate I'll feel towards myself when I step on that scale. It's like swallowing a blade that rips everything apart.

"Alright Hannah, we all wish you the best, we hope that you feel better", said Caroline, my doctor, with the sweetest voice.

My professional team took great care of me, I met wonderful people whose stories made me realize everyone has their own battles. The patients and I became like a family there, I love every single one of them with all my heart. S always made me laugh, M became my mom when I needed my own, T and P would talk to me and give me advice, C gave me hugs early in the morning, and J, she's special, I saw myself when I looked at her, we have the same age, and the same diagnosis, we did everything together, I was there for her and she was there for me, we cried, laughed, sang, painted, gave ourselves a hug and wished a good night every time. Since we're so alike, loving her made me realize that perhaps loving me isn't as difficult as it seems.

One day I heard that studying psychology is a vocation, you heal first and use your suffering to understand and help people with their own. And that's what I want to do for life, I want to help others, make them feel heard, loved, make them feel seen. Be the person I needed as a kid, I want to help them heal.

It's August 2024. I was looking for a new therapist, and it turns out I found the most beautiful and genuine soul I'd ever met. I was so excited to start having sessions with Ally, she seemed so nice, her brightness lit up the whole room.

Time went by and I'm still having therapy with her, she understands me, she gives me reassurance and support.

It's so weird to realize I'm actually recovering, I would never have imagined that months ago. Ally made me realize that I do not need to fix myself, no one does. Because I'm not broken, I'm whole, I'm redefining life, giving a new meaning to it, looking through other angles and creating a new Hannah.

Ally once said, "you are more than your diagnosis, don't let it define you".

It makes me think that I've spent so much time making it my whole personality. It's like Ally threw cold water on me. I was desperate for love and affection until I found and chose her. I count the days to our sessions, where I feel seen, where I feel like I do matter. I thought that I had lost faith in the world, but she makes me feel like I have something to lose now. I want to stay alive, even if it is such a ruthless world, to see the amazing things life can offer me. Being with her makes my body less heavy. It's like I'm sharing the weight of my suffering with her.

And that makes me want to wake up day after day. I wouldn't be here if she wasn't holding my hand the entire time. She feels like Home more than my home ever did.

My life story is not a threnody.

Guess I haven't died after all.

Acknowledgements

Clara Egydio Previdi de Barros

Faculdade de Direito

"You've written a book?" Lucy asked, intrigued.

It was a bold move. I reviewed recipes, found editors, chose the paper, hired a photographer to capture the sweets, and invested my savings with no guarantees, all without her knowing, which never happened before.

Her eyes showed confusion as she glanced at the hardcover edition; she flipped through a few pages, but didn't actually read any. "Why didn't you tell me... When did you even have time to do this?"

There were a thousand questions in her eyes. I ran my fingers through her hair. "Are you mad at me—for not telling you?"

"Not mad, I know you. I hope there's more to this—for your own good, by the way." A smirk appeared on her lips. She's smart.

"I wanted to manifest my passion—the things that move me. Today feels right; seven years ago, you accepted my love. Now I share it with you again. Come on, have a look!"

She opened the first recipe, and I stopped her.

"No, not that, you should start with the Acknowledgements part."

And here we go.

Acknowledgments

Firstly, I would like to thank my parents. They took me to festivals, bought me the most exotic ingredients, and supported me through all my studies. Thanks too to little Suzy, my baby sis, who's grown tired of trying different sweets.

To my editor, Luke, who did an exceptional job, and to Kat, whose photos make you want to bite the page.

To Taylor, my professor, who gave me a chance to work in his place and the freedom to create desserts. You were the first to try several recipes here. I wish I could make you the others. I believe you're still guiding me. Miss you always.

And finally, to the girl from Taylor's coffee shop. One of our most demanding regulars, but by far my favorite person in the whole world. I'd like to talk about her for a bit.

She walked in, bag open in hand, phone pressed to her shoulder as she talked frantically, a walking chaos if I may.

She eyed the display and immediately requested the kaki tartelet—my kaki tartelet. She sat, hung up her phone, tasted it, and smiled. The following Monday, she returned—uneasy—asking again for the kaki tartelet. I didn't have any. Her face fell, and then she spoke—and what a talker she is.

She described how much she enjoyed it, asked how I prepared it, where the concept and ingredients came from, why it was no longer available, and what the week's special was. That day, she asked about my passion, and I eagerly shared. We repeated this each week.

She surprised me; she's the most curious girl I've met. She doesn't cook—turned out to be terrible at it—but she just likes to know things.

I realized I'd fallen in love when she used a blackberry lip balm, and I immediately thought of making her a blackberry sorbet. It wasn't about the weekly special anymore; I wanted to create sweets she'd enjoy, ones she'd want to discuss with me.

I asked her out over açai cheesecake; she kissed me for the first time after we had strawberry tiramisu; I made mango custard the first time she came to my place; and we had white chocolate panna cotta on our first birthday together.

All my recipes were inspired by her. She fuels my passion; she is my passion. This book exists because of her. It's not just my work—it's my love letter to you, Lucy. Thank you for being my inspiration and for letting me cook wonderful things for you.

Through the Window

Arthur Cruz Wallau

Faculdade de Engenharia Química

Sarah had been driving for five hours, the speakers in the rental turned up as high as they could go – which wasn't nearly high enough. She'd debated turning back every minute of the journey. At rest stops, she'd practice her apology speech to her reflection in the vending machine: the fight about his drinking, the night she'd found him passed out in Mom's garden and said she would be ashamed, the bankruptcy that wasn't his fault, calling him weak. Five years of silence. She'd edited this speech for months, written it down, torn it up. By the second stop, she had cut it down to ten minutes; the third, just five. By the fourth, it was "I'm sorry."

Pulling up to his street, she decided she wouldn't say anything at all. She'd just hug him, let that be the apology.

She parked across the street from his house, engine still running. Through the lit kitchen window, she saw him – thinner, smaller somehow. A young woman stood beside him, early twenties, drawing something from a vial with a syringe. Sarah's hand rushed to the door handle. Someone was taking advantage of him. The woman held the syringe up to the light, tapping it twice for bubbles. Dad lifted his shirt and pinched his stomach for the injection. Insulin. They had done this before. The woman was talking while she prepared next week's syringes, pre-filling and labelling each one. Seven syringes. Sarah felt her blood boiling. How much was she charging for this "help"?

But then Dad pulled out index cards from beside his crossword puzzle, and the dynamic shifted. He was quizzing her on anatomy terms. The woman answered, smacking her forehead when she got one wrong. "Come on, Amy, I know this one." She muttered. Dad corrected her gently, had her repeat it back. He was smiling. When was the last time Sarah had seen him smile? Her stomach twisted. She recognized that patient teaching rhythm, the way he'd nod when she got one right. But this woman

was listening, leaning in. When had Sarah stopped listening? Was it when Mom died? No, before that.

Dinner was simple: fish the woman had bought, measured portions, brown rice instead of white. Dad always hated brown rice, but he was eating it without complaint. Amy told some story about her professor mixing up the femur and fibula in lecture, gesturing with her fork, and Dad was laughing. Really laughing, not the polite chuckle he used to give Sarah's friends. She watched how the girl was there for him, the way she hadn't been. "I'm hideous, aren't I?" She whispered to no one.

Sarah moved her car to avoid suspicion, then stood by the living room window, face in her palms before looking again. They'd settled in to watch Jeopardy. Amy sat without hesitation in Mom's chair. Sarah's anger flared— And yet Dad didn't flinch. Didn't even seem to notice. When had it stopped being Mom's chair? Had it always just been a chair?

Amy was terrible at Jeopardy, getting maybe one in ten right. "Napoleon!" she shouted for a question about astronomy. "That's not even close," Dad chuckled. "everything's Napoleon when I don't know," Amy shrugged, then celebrated when he got the next one right. Sarah felt guilt hook behind her ribs. She used to complain through the whole show. "This is so boring." She'd check her phone, leave the room whenever he'd ask her to watch with him.

During commercial breaks, Amy checked his blood sugar, writing down the results in a notebook whose pages were wavy from use. "Same time tomorrow?" She asked as credits rolled. "You don't have to come every day, Amy. I know nursing school is brutal." "Only clinicals Tuesday through Thursday. Besides, someone has to make sure you're taking your meds. We both know you skip them when you feel good." Dad pulled out his wallet, but Amy pushed it away. "We're square. You helped with my textbooks, remember?" "That was two months ago—" "Anatomy textbooks cost more than my car. We're square for life." She was already at the door. "Mom's making pot roast Sunday. She said you better come this time, or she's bringing it here."

"Tell Caroline I'll be there," he replied. "Six sharp. Evening pills are on the counter."
"I'm not senile." "No, but you're stubborn. It's worse."

Sarah watched Amy jog three houses down and disappear inside. Close enough for emergencies. Far enough to have her own life. Sarah sat in her car for another hour, watched her father take his pills and check his phone twice before going to bed. His routine, their routine – his and Amy's – still burning in her mind.

She drove to a motel off the highway and sat in the parking lot twenty minutes before dialing. "Hello?" His voice was alert, hopeful. "Dad? It's me." Silence, then a sharp breath. "Sarah?" "Yeah, Dad. I'm in town. I just wanted to hear your voice." Her voice cracked. "Can you come by? Amy brought cookies, the kind you—" "Not tonight." The truth escaped: "I sat outside your house for an hour and couldn't knock." His tone softened, "You were here?" "I saw you. You look good, Dad. The diabetes under control?" "Yeah. A1C's been good for eight months." There was pride in his voice. "Amy helps," he added. "She takes good care of you." "She does. Reminds me of someone else I know. Stubborn, caring. Thinks she knows everything." Sarah's throat tightened, "Dad, I..." "But she's not you." Sarah closed her eyes, "I need time. I know it's been five years, but seeing you tonight... I don't know how to fit back in." "You don't have to fit in, sweetheart. Just come home." The word 'home' made her heart sink. "Dad—" "I tried calling, Sarah. I still do." "I know." "I stopped drinking the day after you left." She held back tears. "I didn't know that." "How could you? You weren't here." No anger, no accusation. Just fact. "Can I still call sometimes?" "Always. But Sarah? Don't wait another five years to knock." "I love you, Dad." "I love you too. I never stopped."

She hung up, the apology still lodged in her throat. Tomorrow Amy would notice he was distracted during trivia. She'd make his tea without asking. See him checking his phone. She'd be there, present in all the ways Sarah hadn't been. but she wasn't Sarah. That mattered, and maybe it'd be enough to start.

hotline for prima donna

Gabriel Gonçalves de Carvalho Leal

Faculdade de Relações Internacionais

the love of your life is in a bathroom stall
and to get to their heart, you'll need to get through their zippers first
it does kind of feel like the door is locked all the time
maybe it's safer that way, stuck behind glass
appreciated, never disturbed, for as lonely as it looks
little gunshot tucked in a crystal glass of the whitest wine
if you lived through this, you'll live through me
sponsor your deicide with a cheer and
twenty bucks for booze
i wouldn't die of anything that wouldn't die for me
and to ever kill me, you'll need to convince me i'm alive
for breathing is not enough, nor is the pain it provokes
to burn inside at your presence
i'm a heartbreaker, for what i'm told
or a ghost, or a virgin, or a liar, or your brother,
or the devil, or your mother or your mistress
whatever you cast me as, i'll ace it
and this intimacy, this heat you keep to yourself
behind bars and lines and nonchalantism
i'll stab it in the lungs, take some of your air for me
be what you want from me, do what you expect
tell me where it takes us,
away from the symphony of those gas station restrooms
your mother's house or the cold of a bar
the inside of your arms or of your legs

i'm rubber in your hands, stretch me and squeeze me and
keep me in your pocket like a party favor
show me who i'll be next,
i'll be it all for you

She's all soft

Maria Luiza Pinheiro Morette

Faculdade de Letras (Bacharelado)

she's all soft.

it seems like, right now, everyone has grown up, while im still tied to the girlish ideas of warm kisses shared with girls.

she's all soft.

i've outgrown all my clothes; im taller than my mother, and my eyes no longer hold the same brightness.

she's all soft.

but one thing remains, caught somewhere between nostalgia and wistfulness: the innocent longing for the sweeter things in life, the kind that only another woman could bring.

she's all soft.

the warmth of a princess-and-the-pea fantasy, the bedtime lullaby of feminine curves.

she's all soft.

the ache of wanting and lacking, the need to beg and prove, to kiss and touch, to bite and love.

she's all soft.

the diary that guards all my desires, the whispered wish upon a star to taste the lips of someone who's walked a path like mine. the aphrodisiac curse of being me.

she's all soft.

starry-eyed, looking at me like she could see something between my flesh and bones.

the littlest smile crossed between pale cheeks painted with the crimson of stolen kisses.

her voice caresses my ears, just like the point of her fingers in my arms, under the sheets that we both use to get warmer - like we could get even warmer.

i wanna tell her my secrets. i wanna spell her name in deep blue, on yellow papers, dirty white - red lips from lipstick kisses, all over the page.

she's all soft.

raining all over my shoulders, she's brighter than ever. im jealous of anyone who can see her - this beauty, the dearest heart. i want her seven days a week. teenage dreaming about her, sighing and laughing.

she's all soft.

my helen, the beauty. no troy or sparta could steal the tenderness of the girl with auburn hair. I crave her deeply like the men who fought.

the porcelain skin, dolled eyed. she speaks about feelings and sings about tragedies - she barely knows the heart of mine, but involves it like it's hers. a poetic tale, a muse to worship.

her brain is deep. i blink once or twice, trying to focus - she smiles politely at me.

she's all soft.

i could forget my name and let her decide how to call me. fate or karma, she's deep notes, getting me high and leaving me stoned and dried.

my words are sloppy - there's no dictionary to describe. she gets me talking like a lunatic - out of the lands of this earth, orbiting the space that she has created for her own.

she's all soft.

and no one's ever softened me before

im afraid i might be too harsh, too scared of the fondness that she brings me.

but there's no way, no reason or place after that kindness - that warmth compassion.

she's all soft.

Paradise Found

Débora Silvestre Aguiar

Faculdade de Engenharia Mecânica

I left the realm of hope
and the animals I looked after
skipping through the gates
and under the flaming sword
to chase humanity (a single human)
who sent me back on my steps

“divinity
is too heaven of a burden
Eden
is too far from what I know”

he sent me back
carrying hell in my heart
and a promise to myself to never wield him again
as my weapon of choosing

I stepped again under the same gates
being cut by the same blade

I wanted to spit you out
as God himself
said he'd do to the cowards

I started ripping the very flowers I had watered
and sat crying in wrath under the Tree of Knowledge
— knowledge you don't want to have —
cripling so hard the flowers against my palms
my blood got mixed in their water

and God himself with his feathery steps
voice of rainbows after multiple storms
took the flowers and held my hands in His

I stood there, aghast
having realized it were his flowers I had stepped over
but as I looked, all the flowers, and their petals, and butterflies
were there again

He looked at me
eyes of ever burning flame
solid iron, endless mercy
saying He'd been taking care of the Garden himself
in case I decided to come home

until today
my tears of love water the Tree of Truth
in the center of the garden

but now the war of attrition is over
the hauntingly beautiful nightmare
still attached to my ankles

but I no longer need my sword
for the cycle has ended
and my feathers have grown back

this house has endured enough

my tears will raise the flowers
until I'm happy again
until Judgement Day
when they'll become my crown

I am
the Feathered Host

Dear ghosts around me

Elis Carrara Sampaio

Faculdade de Letras (Bacharelado)

Dear ghosts
around me,
the world was going bad
and perhaps I was worse
I heard your voices echoing
through the walls, but I didn't
know what names to call.
You were always there waiting to fill
the void that the world had left me
You weren't like white sheets, nor did you
make the sound of chains dragging across
the floor as a sign of sins committed in life
You seemed more real and more alive
than I ever aspired to be
When you disappeared, I begged to heaven to attain
the gift of hope to deal with billions of fingerprints,
with countless broken promises and forgotten desires
in the vast immensity of living and wandering souls
until I found you, one by one, unfortunate death by death
I didn't believe I was enough to be
blessed by beings called haunted
I was the one who hunted afflictions to
my haunted spirit saved by you
I think I would even curse
the winds to have you as my
own private ghosts



Livro digital confeccionado em outubro de 2025 pela Faculdade de Letras
da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)